

## APRESENTAÇÃO

“Tão longe, tão perto: *Sociologia & Antropologia* no limiar de uma década” abre este volume 9 número 3 da revista, que marca mudanças em sua gestão direta, trazendo um balanço editorial qualificado a partir de mapa semântico e bibliométrico de sua coleção de artigos produzido por meio de metodologias informacionais.

Fortalecendo iniciativa que vem singularizando o periódico desde sua criação em 2011 na veiculação da produção científica de ponta no Brasil, o número apresenta um conjunto de textos sobre a obra do antropólogo Keith Hart, que se inicia com entrevista realizada por Federico Neiburg e Fernando Rabossi. Nela, Keith Hart articula sua trajetória intelectual, o impacto de suas pesquisas na África urbana na remodelagem da antropologia econômica e aspectos de bastidores da história da antropologia anglo-saxã. Na sequência da entrevista, Horacio Ortiz discute a relevância da extensa reflexão de Hart sobre o dinheiro para uma antropologia política da indústria financeira global. Por sua vez, Fernando Rabossi busca reconstituir os caminhos do conceito de informalidade, formulado pioneiramente por Hart na década de 1970 e que, desde então, vem sendo amplamente empregado e desdobrado na análise das economias dos chamados países em desenvolvimento. Esse conjunto é complementado, na seção de Registros de Pesquisa, por “O dinheiro é como aprendemos a ser humanos”, texto do próprio Hart, em que aponta a convergência atual na internet do dinheiro e da linguagem como meios de comunicação humana; e, ainda, por resenha de Theodoros Rakopoulos sobre o manuscrito inédito de Hart intitulado “Self in the world”.

Segue-se na seção Artigos, “The bipolarity of democracy and authoritarianism: value patterns, inclusion roles and forms of internal differentiation of political systems” de Anna L. Ahlers e Rudolf Stichweh, que propõe uma teoria sociológica da inclusão e diferenciação funcional para analisar as transformações nos regimes políticos democráticos e autoritários que polarizam a sociedade mundial hoje.

Por sua vez, em “A história de Gigante: conservação e caça no Pantanal”, Felipe Sússekind aborda o primeiro estudo de campo científico sobre a ecologia da onça-pintada, realizado no final dos anos 1970 no Pantanal brasileiro por George Schaller, explorando as tensões, nos relatos dessa experiência, entre um texto conservacionista e um livro escrito por um caçador profissional e guia de safáris.

Sergio Pignuoli Ocampo, em “Símbolo y comunicación – hacia un concepto de comunicación simbólica desde la teoría general de sistemas sociales”, discute a possibilidade de elaboração de um conceito geral de comunicação simbólica que amplie a teoria luhmanniana dos meios de comunicação simbolicamente generalizados.

Em “Women’s war: gender activism in the Vietnam War and in the wars for Kurdish autonomy”, Mariana Miggiolaro Chaguri e Flávia X. M. Paniz debatem a interface entre a produção do gênero, da guerra e das ideias, argumentando, a partir de narrativas desses dois eventos de conflito armado, que a experiência de luta das mulheres pode produzir novas mediações entre gênero e nação.

“Gerencialismo e pós-gerencialismo: em busca de uma nova imaginação para as políticas educacionais no Brasil”, de Marcelo Tadeu Baumann Burgos e Caíque Cunha Bellato, argumenta que a literatura “pós-gerencialista” permite aprofundar o debate democrático sobre as políticas educacionais brasileiras com base na Constituição de 1988, afastando-o de questões morais e ideológicas que o vêm pautando atualmente.

Jorge Machado e Richard Miskolci, em “Das Jornadas de Junho à cruzada moral: o papel das redes sociais na polarização política brasileira”, indicam que a concentração do uso da internet em poucas plataformas afetou as comunicações – que antes eram mediadas pelas pessoas em diferentes contextos – no sentido de acentuar oposições binárias e formar consensos polarizados.

O leitor encontrará também na seção Registros de Pesquisa o estudo de Enrique Valarelli Menezes sobre o manuscrito inédito “Síncopa”, de Mário de Andrade, que integra uma série de projetos inacabados do escritor sobre música brasileira e cultura popular.

O número se encerra com as seguintes resenhas, além da já citada: de *Cultura brasileira hoje: diálogos* (2018), livro em três volumes organizado por Flora Sússekind e Tânia Dias, escrita por Eneida Maria de Souza; *A sociologia enraizada de José de Souza Martins* (2018), organizado por Fraya Frehse, escrita por Felipe Maia Guimarães da Silva; e *La cruzada de los niños. Intelectuales, infancia y modernidad literaria en América Latina* (2018), de Alejandra Josiowicz, por María Carolina Zapiola.

Ótima leitura!